

Trajetória de Vera Lúcia Furst: crescendo com a ECI

Vera Lúcia Furst Gonçalves Abreu

Adriana Bogliolo Sirihal Duarte

Marília de Abreu Martins de Paiva

Entrevista com a Professora Vera Lúcia Furst Gonçalves Abreu, realizada em 22 de junho de 2010.

Entrevistadoras - Queríamos *começar pedindo que a senhora localize no tempo o seu período de direção da Escola e como ela era na época.*

Profa. Vera - Fui diretora de outubro de 1994 a outubro de 1998. Em primeiro lugar, quero dizer que foi uma diretoria a quatro mãos: eu era diretora e a Bernadete Campello¹, vice-diretora. Estávamos juntas na diretoria e tomávamos juntas todas as decisões. A Escola estava passando por um momento muito parecido com o de hoje, que era um momento de expansão. Nós tínhamos mudado do espaço de um andar para um prédio de quatro andares. Essa mudança ocorreu em 1990, portanto, em 1994, vivíamos o auge, quando tinham chegado mais professores, mais funcionários e a gente estava com liberdade para criar o que desse na cabeça, porque antes haviam muitos limites. A falta de espaço nos restringia fisicamente, o que repercutia em vários aspectos, como por exemplo, o número de disciplinas optativas.

Tomamos posse em 13 de outubro de 1994. Gostaria de esclarecer, primeiro, por que decidimos nos candidatar à diretoria da Escola. Eu era coordenadora do Colegiado de graduação e Bernadete coordenadora do Colegiado de pós-graduação. Antes, tínhamos sido chefes de departamento. Eu, chefe do Depto. de Teoria e Gestão da Informação (DTGI) e ela, chefe do Depto. de Organização e Tratamento da Informação (DOTI). Nós duas construímos uma carreira aqui, na Escola, muito juntas, uma em um departamento e, a outra, em outro. Naquela época, nós tínhamos nos envolvido em diversas coisas e acumulado uma experiência conjunta, às vezes, imbuídas das mesmas atribuições, como quando fomos chefes de departamento simultaneamente, cada uma no seu departamento, e, outras vezes, com funções complementares. Então, a questão do ensino, nessa época, era uma preocupação muito forte. Em

¹ Bernadete Santos Campello.

1994, éramos duas coordenadoras que visualizavam caminhos para a graduação e para a pós-graduação da Escola de Biblioteconomia. Reconhecíamos o espaço já conquistado pela Escola e desejávamos torná-lo visível para as pessoas que estavam chegando. Visualizávamos caminhos a serem percorridos e queríamos convencer as pessoas a seguir em frente conosco.

Por esse motivo, a primeira semana de nossa direção – nós já tínhamos combinado – foi dedicada ao programa de pós-graduação, que já tinha um projeto de doutorado pronto, havia um ano. Bernadete era coordenadora de pós e o Colegiado tinha elaborado esse projeto que ainda não havia sido discutido amplamente pela comunidade. Foi a primeira coisa que a gente fez. Interrompemos todos os trabalhos que aconteciam na Escola e ficamos uma semana discutindo o projeto de doutorado com a equipe toda. Então a Escola parou toda. A graduação parou: tudo, tudo. Não só os professores, inclusive os funcionários, todos ficaram à disposição das comissões: manhã, tarde e noite, trabalhando. E, foi refeito o projeto de doutorado. Então, o primeiro desafio foi esse, em 1994. O projeto de doutorado foi discutido coletivamente, tramitou durante o ano de 1995 e foi implantado em 1996. A partir daí, nosso programa de pós-graduação passou a ter mestrado e doutorado. Também foi uma época em que foi muito rica e forte a presença da especialização. O curso de especialização já tinha começado um pouco antes, em 1993, quando o NITEG ofereceu o primeiro curso, com duração de 120 horas, denominado Curso de Extensão em Informação em Ciência e Tecnologia: produtos e serviços automatizados. Já tinha começado e, em 1994, estava em pleno desenvolvimento. Então, o primeiro momento de nossa gestão foi dedicado à pós-graduação, depois é que a gente retomou a graduação. Naquela época, a Escola oferecia o curso diurno de Biblioteconomia com duas entradas: uma entrada no 1º. Semestre, de manhã, e uma entrada no 2º. Semestre, à tarde.

Se a Escola vivia um contexto de expansão, na UFMG, também, era um momento semelhante. Eu vejo muito como o momento de hoje, em que vivenciamos a proposta do REUNI. O MEC também estava com um plano de expansão de vagas de graduação no ensino superior, mas, tinha uma diferença: era uma expansão de vagas “econômica”, ou seja, era para expandir vagas, mas sem previsão de recursos. O professor Tomáz² foi a todas as unidades, conversando sobre isso e pedindo para cada escola que refletisse sobre a questão, apontando quais eram as possibilidades. Nossa Escola foi a primeira a aumentar o número de vagas. Como tínhamos mudado para um prédio maior, com mais salas de aula, e tinham chegado mais professores, então, nós fizemos um estudo para avaliar quantos alunos nós conseguiríamos abrigar, sem perder a

² Tomáz Aroldo da Mota Santos, reitor da UFMG de março 1994 a março 1998.

qualidade. Não foi um aumento muito substancial, tínhamos 70 e acho que passamos para 82 vagas anuais. Nesse contexto, tinha, ainda, a questão da criação do curso noturno, porque foi na época da nova LDB e ela propunha a democratização no ensino, por meio de cursos noturnos, como forma de ampliar o acesso. Na universidade, então, existia essa preocupação.

Houve, também, nessa reitoria, um Congresso Universitário. Vieram professores de todo o país para falar sobre ensino, em vários eventos durante o ano todo. Foram discutidas muitas ideias interessantes. As questões eram muito parecidas com as de hoje: a necessidade de se mudar as metodologias de ensino, de fazer cursos mais ágeis, através de propostas de flexibilização curricular. Nós mesmos, aqui na Escola, fizemos uma reforma curricular nessa época, buscando, também, diversificar a formação dos nossos alunos de graduação.

Também, nessa época, teve uma coisa muito forte, que foi uma preocupação mais internacional da área de Biblioteconomia. Eu fui convidada para um encontro no México, *Reunión de investigadores y educadores de Iberoamerica y del Caribe em el área de la Bibliotecología y Ciencia de la Información*. Propunha-se uma discussão sobre o ensino da Biblioteconomia. E tiveram encontros do MERCOSUL, também. Então, nessa época, em que estávamos discutindo assuntos do curso de Biblioteconomia, não foi uma coisa isolada. Eu fui indicada como representante da Escola na ABEED, a Associação Brasileira das Escolas de Biblioteconomia, que depois passou a se chamar ABECIN, Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação. Então, o contexto de discussão dos cursos de Biblioteconomia foi um contexto internacional. Vivíamos o contexto da universidade de ampliação de cursos e o contexto internacional de discussão.

Dentro desse contexto todo, decidimos começar a fazer a reforma do nosso curso de graduação. Como nossa última reforma curricular já estava completando 10 anos, implantada em 1985, então, considerando só o tempo, mesmo sem considerar as mudanças do mundo, já era o momento adequado pra fazer uma reforma. Nós discutimos o projeto de fevereiro de um ano até fevereiro de outro ano. Exatamente um ano, de 1996 para 1997. Fizemos oito reuniões, sendo convocados todos os professores da Escola e, no intervalo entre uma e outra, havia as discussões nos grupos de trabalho, até que consideramos o projeto pronto. As discussões envolviam todos os professores e, também, os alunos, por meio de painéis com discentes de diferentes períodos, levantando expectativas e identificando pontos positivos e negativos do curso. Findo o projeto de reforma curricular, foi encaminhado para as instâncias de decisão: o Colegiado, os Departamentos, a Congregação.

Nessas instâncias, foram feitos poucos ajustes, uma vez que todo o corpo docente tinha participado da elaboração do projeto. Então, quando ficou pronto, foi um acordo. A gente tinha que encaminhar em abril, tanto a reforma do curso de graduação, quanto a proposta do curso noturno, então, tomamos a decisão de fazer os dois projetos idênticos: queríamos o curso noturno com a mesma qualidade do diurno. No fim, apenas a proposta do estágio supervisionado distinguia os dois, já que se propunha um semestre a mais para o curso noturno, devido à impossibilidade de os alunos realizarem o estágio fora do horário de aula. Então, ambas as propostas foram encaminhadas. A reforma do curso de graduação tramitou rápida e foi implantada em 1998, é a versão curricular de 1998. Já a implantação do curso noturno encontrou resistências. O CEPE considerou que o processo foi muito rápido, que o tempo para discussão foi pouco, que era uma responsabilidade muito grande, precisava ser mais discutido. O preconceito na UFMG com curso noturno era ainda muito forte. Discutimos, portanto, um ano mais e voltamos a submetê-lo para aprovação. Quem era coordenador do curso na época era o Paulo³. Então, fomos Bernadete, Paulo e eu saber por que o curso não tinha sido aprovado e discutir, uma vez que era igual ao diurno. A justificativa era que “ele está muito endógeno”. Não era verdade. Nós tínhamos definido primeiro como seria o formato do curso, os limites. Tínhamos definido que o curso seria dividido em três partes: um terço das disciplinas era de um departamento, um terço de outro e um terço das disciplinas de fora, de outras unidades. Era endógeno, mas não era tanto assim. Eles falaram assim: “vocês podiam ter mais disciplinas da área de informática”. Então, eu falei que nós pedimos, mas, não conseguimos e eles nos disseram que poderiam nos ajudar, dessa maneira. Outra questão levantada era que os estágios não estavam bem explicados. Então, no fundo, eram só essas duas coisas e o projeto estava um ano parado. Não foi a primeira vez que a Universidade tinha acenado com a questão do curso noturno. Houve uma vez, junto com outra reforma curricular, no final da década de 80, que existia um projeto para que a Escola estudasse e nós tínhamos justificado o porquê não podíamos fazer: o prédio muito pequeno, não tinha salas de aula suficientes, não funcionava nada no *campus* à noite, não tinha iluminação e não tinha segurança. Então, quando resolvemos fazer o curso noturno, nós vimos que todos esses motivos que nos impediram, antes, não existiam mais. Foi, nesse momento, que pensamos: “por que não criar?” Nessa época, o reitor já era o professor César⁴. Fomos conversar com ele e falamos que estávamos com um projeto do curso à noite, que respondia a uma das metas da pró-reitoria de graduação, que a Escola queria contribuir com isso e fazia um ano que ele estava lá. Na semana seguinte, o projeto estava aprovado. Foi uma

³ Paulo da Terra Caldeira.

⁴ Francisco César de Sá Barreto, reitor da UFMG de março de 1998 a março de 2002.

coisa difícil. Tanto que o curso noturno só entrou depois que tínhamos saído da diretoria, acho que em 1999.

Entrevistadoras - Ainda sobre a reforma da grade curricular, como era a relação do curso com o mercado de trabalho e como isso influenciou essa reforma?

Profa. Vera - Sempre que participávamos de encontros na Associação de Bibliotecários de Minas Gerais ou no Conselho Regional de Biblioteconomia, as pessoas cobravam o curso noturno. Sempre perguntavam quando seria implantado. Além disso, as professoras Bernadete, Márcia⁵ e eu fomos coordenadoras de estágio e tínhamos uma relação muito grande com os profissionais, por conta disso. Toda vez que tinha algum estagiário, nós íamos visitar seu local de trabalho para saber como estava o andamento do estágio. Esses momentos nos permitiam conversar com os profissionais e avaliar o que esperavam da formação do aluno. Aqueles bibliotecários supervisores falavam muito sobre o que eles percebiam que os alunos estavam precisando, sobre as capacidades que eles gostariam que o estagiário e que o profissional tivessem. A relação maior e a que mais influenciou foi essa. Além disso, em uma reforma da pós-graduação, a Anna Soledade⁶, que era coordenadora, tinha feito um estudo de mercado muito interessante, que consistiu em um grupo focal, convidando vários empregadores para direcionar a pós-graduação. Então, resolvemos fazer a mesma coisa com a graduação. Propusemos, no entanto, mais de um grupo focal, porque consideramos que, além de convidar para participarem aqueles já tradicionais empregadores do bacharel em Biblioteconomia, deveríamos ouvir potenciais empregadores, porque acreditávamos na existência de um mercado que não estava ocupado por bibliotecários, mas, que tinha um potencial. Convidamos, assim, grandes contratadores de bibliotecários, como a UFMG, a Biblioteca Pública, empresas como a USIMINAS, a Prefeitura. Convidamos para discutir a questão da formação. Convidamos, também, pessoas, empresas com potencial para contratação de bibliotecários, que, às vezes, já tinham estagiários, por exemplo. Então, conseguimos mapear o que as organizações estavam buscando na formação do bibliotecário. E veio junto a questão da Arquivologia. Desde quando entrei na Escola, a questão da criação de um curso de graduação em Arquivologia já vinha sendo discutida, em 1977. Antes de eu chegar, a Escola já tinha a opção entre abrir o curso de Arquivologia ou implantar o mestrado, e optou pela criação do mestrado. A UFMG queria implantar cursos novos também, só que, como eu disse, era no modelo "econômico". Então, logo que assumi a diretoria, eu fui chamada para falar das possibilidades, e nós dizíamos que precisávamos fazer esse estudo de mercado, que já tínhamos feito o

estudo de mercado de Biblioteconomia, mas não de Arquivologia. E, também, informamos que precisávamos contratar professores, porque não tínhamos competência instalada na área de Arquivologia, a não ser uma professora que estava fazendo doutorado fora do país. Aí, nos disseram que não havia possibilidade de contratação de professores. Sobre o estudo de mercado, nos deram a sugestão de solicitá-lo à consultoria júnior. Então, percebemos que existia uma vontade de implantar novos cursos, mas, na verdade, faltavam os recursos.

Por esse motivo que a Escola optou, entre abrir um novo curso de Arquivologia ou criar uma nova turma no noturno para o curso de Biblioteconomia, pela segunda alternativa. Para criação de nova turma no período da noite, poderíamos usar o mesmo corpo docente já existente. Mas, nessa época, também aprendi muito com o professor Tomáz, que era o reitor. Ele falava que, na Universidade, você não tem que ter recursos para fazer as coisas, senão você não vai fazer nunca. Você tem que escolher as coisas que quer fazer, dimensionar, realizar e buscar os recursos depois.

Entrevistadoras - Já que a senhora falou na infraestrutura, voltando a esse assunto, por favor, nos fale dos laboratórios da Escola.

Profa. Vera - Na criação do Laboratório de Preservação de Acervos (LPA) não estive diretamente envolvida. Desde que estávamos nos prédios anteriores, havia vontade de ter um laboratório, mas não havia espaço. Mas, com o projeto do prédio, fizeram o projeto do laboratório. Foi uma coisa muito pioneira, servindo de modelo para outros cursos.

Já a criação do Laboratório de Tecnologia da Informática (LTI), eu acompanhei de perto. Eu acho que é uma história que mostra bem como foi a evolução dos nossos recursos de tecnologia. Ele começou com um computador sem disco rígido, em 1988, porque não tinha dinheiro para comprá-lo. A diretora da Escola era a Marília Júnia⁷ e todo mundo dizia que tinha que ter computador, a gente via na literatura que as bibliotecas do mundo todo tinham computador, então, a gente precisava também. Como o Eduardo⁸ tinha chegado dos EUA, com o doutorado, e, também, a Jeannette Kremer⁹ já era doutora, e como só professores doutores podiam apresentar projetos ao CNPq, então, convidamos o Eduardo para coordenar o projeto, em uma equipe de quatro: Eduardo, Jeannette, Marília e eu. Apresentamos, assim, ao CNPq, um projeto para adquirir um computador, com o objetivo de montar o laboratório para a Escola. Aí, o parecer veio, dizendo que o projeto estava muito relevante, mas o volume

⁷ Marília Júnia de Almeida Gardini.

⁸ Eduardo José Wense Dias.

⁹ Jeannette Marguerite Kremer.

de recursos estava além do teto. Fizemos no ano seguinte, de novo. Caprichamos no projeto e veio o mesmo parecer, dois anos seguidos. A Marília sugeriu, então, que conversássemos com um professor do ICEx que era do comitê do CNPq, para ele nos informar qual a verba disponível. Sabíamos apenas que o volume que solicitávamos era superior ao recurso disponível, mas não sabíamos quanto poderíamos solicitar para obter êxito. Ao avaliar nosso projeto, o professor considerou que por pertencermos à área de Ciências Humanas não conseguiríamos liberação de tanto recurso para a aquisição de um computador (talvez se fôssemos das Exatas ou Biológicas seria diferente, mas o comitê de ciências humanas não tinha esse dinheiro para investir em equipamentos). Questionamos a necessidade do computador para o ensino da Biblioteconomia e ele sugeriu que apresentássemos um projeto de um computador sem o disco rígido, que seria a metade do preço. Argumentamos que não ia dar pra fazer nada na biblioteca sem disco rígido, porque a capacidade de memória seria muito pouca. Ele sugeriu que fizéssemos dois projetos, um para o CNPq, de computador sem disco rígido e, um segundo projeto, para outro órgão de fomento, solicitando o disco rígido. E foi assim: o CNPq nos deu o primeiro computador sem disco rígido e a FAPEMIG nos deu o primeiro disco rígido e a gente criou o primeiro LTI, acho que em 1988, antes de mudarmos para esse prédio. Foi assim que começou o Laboratório de informática. A biblioteca começou a utilizá-lo para alguns procedimentos. Além disso, implementamos aulas de pós-graduação no laboratório, porque graduação não dava, já que era só um computador. A Jeannette Kremer começou a dar as aulas dela lá, para os alunos de pós-graduação. Mas, aí fizemos outros projetos de pesquisa e o que sei é que um dia tínhamos quatro computadores. O LTI cresceu, aí fui dar aula lá. Eu tinha uma turma de optativa com oito alunos e deu certinho, dois para cada máquina. Foi assim que começou, foi uma coisa muito inovadora. Na Universidade, o curso de Biblioteconomia ter um laboratório de informática era algo questionável. Perguntavam-nos o que nós íamos fazer com tantos computadores. Eu fiquei sendo coordenadora de LTI, depois do Eduardo. Quando mudamos de prédio, o laboratório ganhou uma sala grande. Era a única Escola que tinha computador para uso de alunos e atraía alunos do *campus* inteiro. Teve uma época que a gente precisou por portaria e, para entrar, tinha que mostrar a carteirinha, de tanta gente que vinha para trabalhar.

Entrevistadoras - Você falou de pessoas que vinham de outras Escolas para usar o laboratório. Como era essa relação da Escola com os outros cursos?

Profa. Vera - Como disse, nós éramos pequenos. Sabíamos disso e achávamos que tínhamos que fazer o melhor possível. Tinha essa crença, uma preocupação de participar de todas as coisas da Universidade com

muito empenho. Tínhamos que mostrar que éramos pequenos, mas éramos bons. E acredito que a gente conseguia. Por exemplo, para conseguir esse prédio foi uma luta. Eu visualizo que o coletivo da Escola conquistou o espaço na Universidade, mostrando que era sério e que, quando queríamos alguma coisa, não desistíamos. De certa forma, a Universidade respeitava isso. Mas, os recursos eram distribuídos por matriz. Teve um momento, logo antes de eu ir pra diretoria, que a UFMG começou a trabalhar com projetos e isso nos beneficiou, porque na distribuição por matriz, as unidades grandes continuariam grandes e as pequenas se perpetuariam pequenas. Essa cultura de projetos, que acho que depois ficou exagerada, foi, no princípio, muito benéfica pra nós, porque a gente não deixava de participar. Fazia projetos bem feitos e sempre conseguia algum recurso. Foi um jeito que a gente conseguiu crescer.

Entrevistadoras - E quem foram as pessoas que contribuíram para consolidar o curso e a Escola dentro da UFMG?

Profa. Vera - A Escola foi criada em 1950. Quer dizer, cheguei quase na metade da vida da Escola. Eu estou aqui há 33 anos e ela tem 60. Quando cheguei, a Escola já tinha essa imagem. Eu acredito que todas as pessoas... Era uma coisa mais coletiva. Vou falar das pessoas que contribuíram no meu tempo, que eu conhecia e presenciei. A Marília Júnia, que foi diretora da escola, chefe do DTGI, tinha sido diretora da Biblioteca Universitária, era uma dessas pessoas que acreditavam que a gente podia o que queria e que a gente iria conseguir. Com a sua liderança, a comunidade da Escola conseguiu ter o projeto de construção do prédio, como prioridade. Porque estávamos na Faculdade de Educação e a Faculdade de Educação precisava crescer e nós, também. Aí, fomos para o prédio da FUNDEP, que era ruim, porque era um prédio todo administrativo, que só tinha um andar de escola e não cabia. Então, já tinha o projeto para construir a Escola, mas, não tinha sido construída, não tinha recursos. E sob a direção da Marília, nossa Escola conseguiu ter prioridade. E foi construída no mandato de um reitor. Ela conseguiu isso, no mandato do professor Cid Veloso¹⁰. Então, do ponto de vista dessa questão de infraestrutura, de recursos da escola, de respeito, no meu tempo, foi a Marília Júnia. E, logo em seguida, foi a Maria Augusta¹¹, que conseguiu um prestígio acadêmico, porque sempre esteve envolvida no CEPE, Câmara de Graduação. Então, o espaço da Marília Júnia era o Conselho Diretor e o Conselho Universitário e o da Maria Augusta era no CEPE. Percebi isso, muito claramente, quando fui como diretora para o Conselho Universitário: a Escola tinha o nome e o respeito que essas duas conquistaram, o que, para mim, facilitou muito. Por outro lado, Jeannette

¹⁰ Cid Veloso, reitor da UFMG de março de 1986 a março de 1990.

¹¹ Maria Augusta da Nóbrega Cesarino.

teve uma atuação efetiva na pesquisa acadêmica, não só na Escola, mas, também, na pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG.

Agora, eu penso, também, que a pessoa importante para tornar o curso conhecido no país foi a Bernadete. É claro que tem outras coisas, mas, por causa das publicações. Do tempo que estou aqui na Escola. Bernadete e Paulo publicavam muito, com aquele sentido de publicação para o ensino, que não existia. Quando estudei era tudo em inglês. E todos os dois sempre escreveram muito, tanto livros, quanto artigos de periódicos. E todos os lugares que vou, até hoje, e falo da UFMG, eu vejo isso muito forte. Os alunos me perguntam se eu sou da UFMG e se conheço a Bernadete Campello. Como ela é conhecida dos estudantes e dos professores da área, os convites que ela recebe! Então, em termos, principalmente, de publicação, eu vejo a Bernadete como essa pessoa.

Entrevistadoras - Você já falou dos laboratórios... Tem alguma coisa, em termos da infraestrutura, que você acha que ficou pendente?

Profa. Vera - Da infraestrutura acho que tem uma coisa que era bom a gente falar, que é a questão da tecnologia. A estrutura de internet, da ligação da Escola na rede, que foi outra história difícil. A Universidade estava construindo uma rede, acho que em 95, e a gente conseguiu ser integrado nessa rede, ter um domínio UFMG pra gente. Na verdade, foi a integração da Escola com a internet, naquela época, pois era fundamental a gente estar ligado no mundo, com os pesquisadores da área, com as outras Escolas. Mas, nós tínhamos poucos pontos, poucos computadores, e foi uma luta a gente colocar em cada gabinete de professor ponto de internet e telefone. Era tão diferente a questão da telefonia na época, que a gente não conseguia ter um telefone público para atender à Escola. A gente tinha poucos telefones e os alunos não tinham como telefonar, porque no *campus* não tinha telefone público. A gente fazia pedido de telefone público e a Telemig, na época, respondeu que tinha um telefone público pra região da Pampulha, que foi colocado no Aeroporto, porque o movimento lá era constante nos 365 dias do ano, diferente da Universidade, que tinha férias e pouco movimento nos finais de semana (risos). Então eu acho que conseguir isso, ligação de telefone e ponto de internet, foi uma conquista muito importante pra nós. Essa questão da tecnologia perpassou por tudo e eu acho que era uma coisa importante de falar.

Entrevistadoras - Como foi a participação dos professores da ECI nos eventos da área e essa construção e consolidação da Biblioteconomia no Brasil?

Profa. Vera - Novamente, nos eventos ligados à pós-graduação e pesquisa, ressaltou o nome da Bernadete. Ela foi a coordenadora de pós-graduação, então, ela participou e teve um papel de liderança nessas discussões sobre pesquisa. Por exemplo, a ANCIB discutia muito a questão da pós-graduação e a pesquisa ficava em segundo plano. Eu me lembro que ela voltava dos encontros preocupada com essas questões e discussões de currículo, conteúdo. Era muito difícil, naquela época, os coordenadores fazerem encontros realmente de pesquisa. Houve muito a participação da Escola, quando a Bernadete coordenava a pós-graduação. O Eduardo também tornou a Escola muito conhecida em termos de pesquisa e pós-graduação, participando de comissões na CAPES e no CNPq. Nos eventos de graduação, eu participei muito. Por exemplo, eu era representante da Escola na ABECIN. Se por um lado existiam os encontros que eram relacionados com ensino e pesquisa, havia, também, encontros mais profissionais, como os Congressos de Biblioteconomia, que hoje quase não contam mais com a participação de professores, são destinados mais aos profissionais. Por exemplo, o Lancaster veio para o Congresso de Biblioteconomia, não tinha muita separação, encontravam-se acadêmicos em congressos profissionais. Sempre havia a participação de professores apresentando trabalhos, era uma participação grande, se analisarmos os anais dos eventos. E sempre houve, também, a participação dos alunos nos ENEBDS. Os alunos fizeram ENEBDs aqui na Escola, que foram muito bons, muito bem organizados. Percebia-se, também, um pouco da participação dos bibliotecários da Escola nos encontros de bibliotecas universitárias. A Escola sempre participou de eventos e os sediou, em alguns momentos, como o Seminário Nacional de Biblioteca Escolar, em 1998.

Entrevistadoras - Já que estamos falando de academia, segundo o que você disse, a Maria Augusta Cesarino, que foi diretora antes de você, deu um caráter mais acadêmico, ao contrário da direção anterior, com caráter mais administrativo e político na Escola...

Profa Vera - Não, não na Escola. Mas, a imagem da Escola na Universidade. Cada uma trabalhou melhor uma questão.

Entrevistadoras - Então é um bom momento para falarmos do surgimento do termo Ciência da Informação. A Revista mudou de nome, quando seu mandato terminou, a Escola estava prestes a mudar de nome, e também, nos eventos, essa nova terminologia começou a figurar. Sem entrar na discussão específica terminológica, o que questionamos é se isso mudou o perfil dos professores, a participação nos encontros e eventos, passou a ser em outro nível?

Profa. Vera - Acho que foi o contrário. A vinda de novos professores é que acabou entusiasmando mais a mudança. Não foi que a gente mudou e eles chegaram. Sempre a Escola teve professores com outras formações, só que eram voltadas mais para a formação cultural. A gente teve professor, por exemplo, de história da arte, de história da literatura, etc. Depois, começamos a identificar conhecimentos que eram necessários no curso e a buscar pessoas a partir de concursos, em que se buscava aquela formação desejada. Essas pessoas foram chegando com seus conhecimentos e a área foi ampliando. Isso contribuiu para que a denominação Biblioteconomia não desse mais conta. Eu vejo assim: a Escola identificava a necessidade de ampliar o conhecimento em alguma área, fazia um concurso para aquela área, as pessoas chegavam e se voltavam para outras questões e isso provocou a ampliação. Também teve a capacitação do corpo docente. Muitas pessoas fizeram doutorado e pós-doutorado fora do país e trouxeram novas ideias. Também havia – eu acho que não posso deixar de dizer – algumas pessoas que vinham e não se sentiam muito à vontade com o nome Biblioteconomia. Elas vinham, contribuía, mas, ao mesmo tempo, elas queriam dizer que trabalhavam em um lugar cujo nome tinha mais a ver com aquilo que elas estavam fazendo. Eles achavam que Biblioteconomia não contemplava suas especificidades. De certa forma, isso apressou esse processo. Porque, para nós, que já estávamos aqui há muito tempo, a palavra Biblioteconomia abrigava mais coisas. Já para as pessoas que não eram da área, a palavra era considerada mais restritiva.

Entrevistadoras - Como se caracterizou o contato dos professores daqui com os de outras instituições, seja do Brasil, seja do exterior? Surgiram parcerias na época de sua direção? Quais?

Profa. Vera - Essa época não foi muito forte nisso, não. A pós-graduação, logo no início, na década de 1970, teve mais parcerias, até porque a Escola tinha poucos doutores. Na década de 1990, as parcerias se deram, principalmente, na área de GRI, contatos feitos pela Anna Soledade, a partir de seu pós-doutorado feito no exterior, onde ela buscou ideias novas. Nessa época, alguns professores da Escola foram para o exterior e vieram professores visitantes para a pós-graduação, sempre ligados às questões da Gestão de Recursos Informacionais, que foi a primeira especialização, mas, não eram programas de longa duração. Teve também uma professora visitante do grupo de Tratamento, Elaine Svenonius, que tinha sido professora do Eduardo.

Entrevistadoras – Professora Vera, fale-nos um pouco sobre sua história até vir pra ECI, como foi sua chegada e como se desenvolveu sua carreira aqui.

Profa. Vera - A história é longa, vamos ver se eu consigo resumir. Eu comecei minha carreira de trabalho como professora substituta no ensino fundamental, em uma turma complicada, odiei a experiência. Pensei que depois dessa experiência nunca mais seria professora, que iria procurar outra profissão, mas, eu tive uma oportunidade de trabalhar no curso noturno, quando a Secretaria de Educação ampliou o ensino até a 5ª. série. Essa nova experiência mudou minha perspectiva positivamente. Isso foi em Sete Lagoas, que eu sou de lá. Depois me casei, vim para Belo Horizonte, pedi transferência pra cá (já tinha feito concurso). Nessa época, a Secretaria de Educação tinha um curso de aperfeiçoamento para professores, para trabalhar na Biblioteca. Fiz esse curso no Instituto de Educação, durante um ano, em que a gente ficava liberada de dar aula. O curso se chamava curso de Aperfeiçoamento para Professores Primários e a gente se preparava pra ficar em uma biblioteca de uma escola, pois eram só questões relacionadas com a biblioteca escolar. Logo após o curso, eu fui indicada para uma escola muito boa, experimental, o Leon Renault, lá na Gameleira. Vinham professores de todo o país para fazer cursos lá, a diretora era uma escritora, Therezinha Casasanta. Eu fui indicada professora responsável pela biblioteca, em um lugar que era um paraíso. Eu tive muito espaço, muito apoio. Eles iam inaugurar uma escola nova, com uma biblioteca nova, com infraestrutura e recursos, aí o que eu sabia não era suficiente mais. Eu tinha um ano de curso, conseguia fazer algumas coisas, mas ficou claro, para mim, que eu tinha limites na minha formação, então resolvi fazer Biblioteconomia, fiz vestibular. Aí, fiz o curso de Biblioteconomia, gostei muito. Eu costumo dizer que estudei na época áurea da escola porque o curso cumpriu o papel de uma universidade. Eu tinha feito aquele curso de formação de professores, mas, eu era de uma inocência impressionante. Eu não conseguia analisar as coisas, apesar da escola em que eu trabalhava estar envolvida até mesmo em projetos internacionais, eu via só aquilo que estava em torno de mim. Foi aqui na Escola e com os professores que eu tive, que eu consegui analisar melhor as coisas. Então, eu acho que foi a melhor época da Escola, porque pessoas que estudavam antes de mim, reclamam. Pessoas que estudaram depois de mim, o aluno vive reclamando... E eu aprendi demais. O curso durava três anos, eu cresci demais. Eu formei em 1976, e, em 1977, eu fiz o concurso aqui para a Escola, foi quando eu cheguei aqui.

Comecei a trabalhar como professora em 1977, 1º. de março de 1977. Tinha colado grau na graduação em agosto de 1976. Naquele tempo, a gente entrava como professor só com a graduação, depois é que as pessoas se preparavam. Eu fiz concurso para professor 20h. Então, dei uma analisada no que eu ia fazer, além de dar aula, e eu escolhi focar no ensino de graduação. Eu entrei para o Colegiado de graduação logo no início. A Bernadete também. Então foi lá que começamos, digamos assim, nossa parceria. Estavam coordenando o Colegiado, a Maria Augusta e a

Márcia. Eu fui representante de departamento no Colegiado algumas vezes, depois me tornei subcoordenadora e, em 1992, fui coordenadora do curso. Antes disso, devo mencionar minha passagem pela chefia do DTGI, que implicava em mudar meu regime de trabalho para DE (dedicação exclusiva). E, aí, pronto. Tomei gosto pela administração universitária. Quando terminou meu primeiro mandato é que eu tinha conseguido articular as coisas, conhecer a universidade. Aí, eu fiz a proposta para o departamento de que eu queria ser reconduzida ao cargo, porque eu pensei que se eu ficasse, eu realmente poderia contribuir mais, pois eu já estava sabendo como as coisas funcionavam. E fui chefe de departamento uma segunda vez. Depois disso, raramente não estive ocupando algum cargo, de coordenadora ou de subcoordenadora. Gostaria de lembrar que, na época, a secretária de departamento era a Lídia Helena¹², e que isso foi fundamental para a condução da chefia de departamento. Ela era secretária há muito tempo e sua experiência foi muito importante para minha adaptação, minha integração à cultura organizacional, à questão dos prazos, dos relatórios. Ela foi uma pessoa que influenciou muito o fato de eu gostar de ser chefe, pois eu era uma pessoa que tinha muito compromisso.

Depois fui para Colegiado e fui subcoordenadora, enquanto a Márcia era coordenadora. Nesse período, ocorreu um ajuste curricular de 1988, relativo à implantação das diretrizes curriculares em 1985. Tive também uma passagem pelo CENEx, eu já estive envolvida em todos os setores da Escola. Lá, tive outra grande colaboradora: a bibliotecária Marlene Edith¹³. E eu descobri o CENEx justamente quando ele estava completando 20 anos. Fiquei encantada. Cheguei lá e pensei que a Escola tinha que conhecer mais o carro. Então, no tempo que estive lá, o meu desafio foi integrar mais pessoas, mais professores para desenvolver projetos e, principalmente, os alunos. É impressionante como tinha uma boa vontade dos funcionários da Escola com o CENEx. Então, assim, eu tive sorte de trabalhar com pessoas com muito compromisso, desde o tempo do CENEx. Foi a época em que eu tive a ideia de fazer um número especial da Revista sobre o CENEx, a gente tinha que contar o que acontecia lá. Fiz a proposta para Revista fazer um número especial, que saiu depois. Bom, depois da coordenação CENEx, eu fui ser coordenadora do curso de Biblioteconomia, em 1992, e tive a oportunidade de ter como secretária do Colegiado a funcionária Sônia¹⁴, também muito competente. Foi nessa época, em que a Bernadete estava na coordenação da pós-graduação, que nós resolvemos nos candidatar para a diretoria. Então, considero que toda a minha carreira administrativa e o fato de eu ter gostado, tem a ver com os técnicos administrativos com que eu trabalhei, porque as chefias são

¹² Lídia Helena Araújo Souza.

¹³ Marlene Edite Pereira de Rezende.

¹⁴ Sônia Regina Guedes Aguiar.

muito transitórias e os mandatos muito curtos. Você muda de um para o outro sem conhecer sua rotina, então, pesa muito ter alguém que já tem experiência. A secretária geral da Escola, Eliedir¹⁵, por exemplo, muito contribuiu no meu período de diretoria, assim como o Gabriel¹⁶, da seção de Contabilidade.

Ao final do nosso mandato, Bernadete e eu entregamos, com muita confiança quanto aos rumos da Escola, a Diretoria e Vice-diretoria para o Ricardo¹⁷ e Lídia Alvarenga, respectivamente.

Entrevistadoras - Aproveitando que você falou da Revista e dessa ideia de fazer o CENEx aparecer na Revista, queria que você contasse um pouco mais sobre a Revista. Foi exatamente na época da sua diretoria que houve a transição da Revista da Escola de Biblioteconomia para Perspectivas em Ciência da Informação?

Profa. Vera - A Bernadete era editora da Revista e havia encontros de revistas científicas de que ela participava. Havia uma discussão das revistas científicas de realmente assumirem o papel científico. A Revista antes se chamava "Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG", que dava aquela ideia, assim, de ser uma revista para publicar as coisas da Escola, quando não era. Nessa época, a questão de publicar pesquisa não era muito forte, a ideia era publicar também textos didáticos. Os cursos de Biblioteconomia tinham muito pouca literatura em português, então as revistas tinham essa preocupação. Publicavam-se artigos traduzidos, não só resultados de pesquisas, mas, também, para dar apoio ao ensino de graduação e de pós-graduação. Bernadete e o corpo editorial estavam muito envolvidos e fizeram uma proposta de mudança para ela assumir mesmo o papel de uma revista científica. E, em 1996, houve a mudança. Escolher o nome foi muito difícil, apareciam muitos nomes. Em certo momento, surgiu a ideia de "perspectivas", e aí ficou "Perspectivas em Ciência da Informação". Paulo e Bernadete sempre estiveram envolvidos com a Revista e tinham essa preocupação de discutir com outras pessoas, então, a mudança foi o resultado desse trabalho.

Entrevistadoras - A senhora falou bastante de sua carreira administrativa. E a sua carreira acadêmica? A quais assuntos a senhora se dedicou?

Profa. Vera - Eu já cheguei aqui com o viés para a biblioteca escolar. Eu estava vindo buscar fundamentação para o meu trabalho. Era interessante porque, enquanto a maioria dos meus colegas na graduação

¹⁵ Eliedir Marcelina dos Santos Simões.

¹⁶ Gabriel da Anunciação Pereira Chaves.

¹⁷ Ricardo Rodrigues Barbosa.

queria aulas práticas, reclamava que era pouca prática, eu não, eu gostava exatamente das questões teóricas. Porque era o que eu estava buscando para melhorar, eu estava buscando fundamentação para a minha prática. Também eu era um pouco mais velha do que a maioria dos meus colegas. Tinha alguns da minha faixa etária, mas eram poucos. Desde o princípio eu queria saber o porquê das coisas. Inclusive as coisas da área da educação. Não era só a questão da biblioteca escolar. Atraíram-me, desde o início, questões ligadas à Universidade, por exemplo, o vestibular. Todos os assuntos ligados à educação me atraíram muito. Talvez, por esse motivo, tão logo entrei para a Escola, eu fui para o Colegiado, porque era uma coisa que me atraía, ali haviam assuntos ligados à questão da educação. Aí, eu fiz a seleção para o mestrado. Cursei o mestrado, fiz os créditos, mas não fiz a dissertação. Na época, o curso se chamava Administração de Bibliotecas. Mais importante que tudo: eu queria uma coisa que me fizesse crescer. No mestrado eu fiquei conhecendo a Bernadete e a gente começou a trabalhar junto. Eu lembro que tinha uma disciplina de metodologia do ensino superior e nós resolvemos fazer um projeto para o estágio da escola. A partir daí, os meus estudos e pesquisas voltaram-se ao ensino de Biblioteconomia. Foram basicamente três interesses de estudo e pesquisa que eu tive o tempo todo: ensino de Biblioteconomia, formação do acervo e biblioteca escolar. Nesses estudos, tive como interlocutora, muitas vezes, minha colega de gabinete, Maria Eugênia¹⁸.

Entrevistadoras - Como é que se deu a criação do Grupo de Estudos de Biblioteca Escolar (GEBE) na Escola?

Profa. Vera - Sempre, desde que eu cheguei aqui, eu ficava procurando uma forma, eu tinha esse interesse de biblioteca na educação, mas a biblioteca escolar não aparecia muito. Teve até uma época, no departamento, que a gente criou disciplina optativa sobre Biblioteca Escolar. Tanto eu quanto a Bernadete tínhamos essa trajetória de termos sido professoras de ensino fundamental, de trabalhar em biblioteca, e concordávamos que o acesso à biblioteca tinha que chegar mais cedo aos estudantes. O contato dos alunos com a biblioteca só na universidade era muito tardio. Começamos a ler sobre esse assunto, fazer pesquisas, aí a Bernadete encontrou o currículo da Carol Kuhlthau. Foi aí que ela decidiu fazer, em 1998, o Seminário "Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica", que deu início ao grupo GEBE. As pessoas que estavam envolvidas na época eram Bernadete, Maria Eugênia, Márcia, Marlene Edite, Paulo e eu. A partir do Seminário, o grupo continuou as pesquisas. Então, apareceu a oportunidade de traduzirmos o livro da Carol Kuhlthau e nós começamos. A data, o marco foi esse Seminário, mas, foi o resultado de alguns trabalhos e preocupações que a gente tinha antes,

¹⁸ Maria Eugênia Albino Andrade.

principalmente a Bernadete e eu. Depois outros professores interessados no tema foram incorporados ao GEBE: a Conceição¹⁹, a Adriana²⁰ e o Casal²¹.

Entrevistadoras – Gostaríamos que você explorasse um pouquinho mais a comparação da época da sua direção com os dias de hoje. O que há em comum e o que mudou?

Profa. Vera – O que há em comum é essa efervescência, tem muita gente pensando, muita coisa acontecendo, mais pessoas se integrando àquelas que já estão. A diferença é a dimensão: antes era um grupo menor, que aumentou, e agora está aumentando ainda mais, isso causa um impacto maior dessas mudanças, com maior diversificação. Naquela época, tínhamos apenas o curso de Biblioteconomia, tivemos o aumento do número de alunos, com a criação do noturno, passamos a oferecer aula nos três turnos. Agora, além dos três turnos, a gente passa a ter três cursos de graduação, do meu ponto de vista com identidades bem fortes, cada um com sua especificidade. Então, eu visualizo que tem aqui um desafio a mais, que é esse desafio de a gente integrar, na mesma instituição, a formação de graduação dessas áreas. Em termos de pós-graduação, quando mudamos de um programa de pós-graduação em Biblioteconomia para pós-graduação em Ciência da Informação e mantivemos o curso de graduação em Biblioteconomia, as questões centrais já não são as mesmas, embora tenham algumas questões que são comuns. Uma parte ficou descoberta, nas nossas linhas de pesquisa. É claro, também, que cada curso faz sua opção, então, por exemplo, a nossa Revista é uma revista de pesquisa, não tem mais aquele objetivo, assim, de textos para dar apoio ao aluno. Então, eu vejo que há uma diferença, porque antes a gente tinha uma área para dar uma cobertura, logo, tinham mais pessoas em volta de um assunto menor e comum, de um assunto só. Hoje, há diversidade de assuntos e de pessoas. São mais pessoas, que tem que ter alguma integração, alguma coisa em comum, mas, que tem as identidades próprias, então, eu vejo que esta é a principal diferença. Estão chegando muitas pessoas e eu acho que esse é o grande desafio: integrar essas pessoas, lembrando que a gente tem que ter um objetivo comum, nós estamos em uma única Escola. Para mim, sempre foi muito claro quais eram os objetivos e as metas da Escola. À medida que ela vai crescendo, eu acho que se perde um pouco nisso aí, fica mais difícil essa coordenação, as coisas coletivas. Embora o aspecto coletivo tenha sido muito forte no passado, a Escola cresceu e desenvolveu porque as pessoas tinham liberdade. Nunca, no tempo todo em que estou na Escola, vi alguém falar que queria fazer um projeto e

¹⁹ Maria da Conceição Carvalho.

²⁰ Adriana Bogliolo Sirihal Duarte.

²¹ Carlos Alberto Ávila Araújo.

ter-lhe sido negada a possibilidade. Muitas pessoas achavam que a Escola era muito liberal, “cada um faz o que quer”, mas, eu acho que sempre tinha essa preocupação coletiva. Eu penso que esse coletivo, hoje, é mais raro. Não acho que isso é só na Escola, eu analiso todos os espaços, acho que é uma coisa da sociedade, então, o desafio do coletivo, hoje, vai ser maior, de a gente construir uma identidade coletiva, nova.

Entrevistadoras – Agradecemos muito a sua contribuição, professora, por estar aqui há tanto tempo, a senhora tem uma visão muito ampla da história, do caminho da Escola. Muito obrigada!